

ENTRE AS MARGENS DO RIO: DIÁSPORA, IMPRESSÕES LITERÁRIAS E CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS

Data de aceite: 01/03/2023

Ana Paula Lenz e Silva

Psicóloga graduada pelo CES/JF, Pedagoga pela UFJF, Especialista em Coordenação pedagógica pela UFOP, Mestre em Educação pela UERJ, e Doutoranda em Estudos Literários pela UFJF. Atualmente, exerce a função de Coordenadora Pedagógica efetiva da rede municipal de ensino na cidade de Juiz de Fora/MG
<https://lattes.cnpq.br/8651991302151733>

Felipe Guimarães

Advogado, graduado em Direito pela UFJF, mestre em Direito e Inovação pela UFJF, e doutorando em Direito pela UFPE
<http://lattes.cnpq.br/7490070335298111>

RESUMO: O pensamento diaspórico, presente na literatura contemporânea, visa a fundação de novas formas de linguagem imiscuída na refundação dos imaginários culturais apagados ao longo dos últimos séculos de barbárie e colonização. De matriz epistemológica variada, que vai desde a teoria crítica até o pensamento decolonial, teóricos, artistas e escritores à margem da produção lírica ou científica incorporada pelos canais oficiais de divulgação e manutenção da memória coletiva, recriaram,

a partir da cultura ancestral e das marcas e cicatrizes ainda bastante vivas naqueles espoliados e marginalizados pela cultura europeia, novas formas de expressão. Caryl Phillips, romancista caribenho, é um dos protagonistas deste movimento tão multifacetado que nos faz refletir sobre a diáspora negra. Nesta perspectiva, o intuito deste pequeno ensaio é analisar o romance *A Travessia do Rio*, suas diversas nuances e sua proposta inventiva de refundar a memória negra em confluência aos diversos choques culturais forçosamente impostos pela diáspora. As três histórias do livro são fragmentos narrativos repletos de simbologia, de memórias que nos conectam a novas formas de experimentar o outro que está em nós.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora negra, *A Travessia do Rio*, Caryl Phillips, utopia, alteridade.

ABSTRACT: The diasporic theory, present in contemporary literature, aims at the foundation of new forms of language. It is involved in the refoundation of cultural imaginaries erased over the last centuries of barbarism and colonization. From a varied epistemological field, ranging from critical theory to decolonial theory,

researchers, artists and writers outside the lyrical or scientific production incorporated by the official channels of dissemination and maintenance of collective memory, recreated new forms of expression, from the ancestral culture and brands and scars still quite alive in those dispossessed and marginalized by European culture. Caryl Phillips, Caribbean novelist, is one of the protagonists of this multifaceted movement that makes us think about the black diaspora. In this perspective, the purpose of this short essay is to analyze the novel *Crossing the River*, its several nuances and its inventive idea to refound black memory in confluence with the various cultural shocks forcibly imposed by the diaspora. The three stories in the book are narrative fragments full of symbology, memories that connect us to new ways of experiencing the other that is in us.

KEYWORDS: Black diaspora, *Crossing the River*, Caryl Phillips, utopia, otherness.

1 | INTRODUÇÃO

Neste pequeno ensaio, o intuito é, a partir da perspectiva do pensamento dito diaspórico, da diáspora negra, circunscrever certas impressões colhidas na leitura do romance *A Travessia do Rio*¹ de Caryl Phillips, escritor caribenho, nascido em São Cristóvão e Neves. As pretensões são comedidas, mas não deixam de vislumbrar ou acondicionar reflexões feitas ao longo da leitura de vasto material sobre “Literatura e Alteridades”, também pretende observar aquilo que no campo literário consideramos imprescindível: a fundação de uma literatura que seja nova não porque intenta novos apagamentos e esquecimentos, mas nova na medida que tenta recriar ou resgatar universos e imaginários que ainda são amordaçados ou reféns do ininteligível.

Caso nos limitássemos a certa estrutura social e econômica, restringindo nosso olhar a partir de uma perspectiva que se vende e se obriga a consumir como hegemônica, poderíamos sugerir que a literatura é marca da subjetividade, relato narrativo, lírico, poético daqueles legitimados a operar oficialmente a linguagem; talvez, indo um pouco além mas ainda sem lançar luz ao que o Atlântico² separa, a literatura pudesse, no máximo, ser compreendida somente como expressão de um povo sobre acontecimentos e os desacontecidos de determinado tempo histórico.

Tais definições que nada definem nos parecem pobres, são pobres. A pobreza do olhar europeu, que acusamos de europeia, é a pobreza do homem moderno, do homem que do centro do mundo almeja universais³, absolutos, é pobreza ética⁴. A literatura, ou melhor,

1 Livro publicado originalmente em 1993 e vencedor do James Tait Black Memorial Award no ano seguinte.

2 A metáfora faz referência ao célebre livro de Paul Gilroy, *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* (1993). Após a publicação da obra a ideia do Atlântico Negro foi associada ao pensamento diaspórico. A expressão cunhada, Atlântico Negro, foi uma espécie de descoberta heurística do autor. Nas suas palavras: “This book addresses one small area in the grand consequence of this historical conjunction—the stereophonic, bilingual, or bifocal cultural forms originated by, but no longer the exclusive property of, blacks dispersed within the structures of feeling, producing, communicating, and remembering that I have heuristically called the black Atlantic world.” (Gilroy, 1993, p.03)

3 Aqui nos referimos ao universalismo abstrato que nada mais é do que um tipo de particularismo que se impõe como hegemônico. O universalismo concreto, tão defendido por Césaire, Abdias do Nascimento, Enrique Dussel entre outros proeminentes estudiosos marxistas e latino-americanos nos parece algo essencial na compreensão do nosso lugar no todo (Grosfogel et. al., 2018, p. 16)

4 Se pensarmos em qualquer perspectiva liberal, seja ela de matriz conservadora, neoliberal ou mesma aquela que propugna e defende valores supostamente emancipatórios, teremos problemas éticos inexpressíveis. Isso porque a

a expressão literária do homem branco, do colonizador, daqueles legitimados a comandar viagens por especiarias, a estética de navio negreiro, que expressa a subjetividade de alguns que enxergam nos outros, mercadorias, esta estética que parece perdida no tempo, naufragada em algum oceano teórico do século XIX, ainda sobrevive, não só enquanto literatura, mas principalmente enquanto pensamento político.

Pensamento que fez milhões acreditarem inferiores, terem medo, prostração, desespero; pensamento que legou outros tantos à subserviência, ao contentamento, resignação (Césaire, 2020, p. 28); pensamento que, mais do que isso, apagou memórias, modos de vida, existências várias, ensejou e vicejou em rastros de sangue indígena, africano, negro, não europeu; em sangue outro, em sangue mercadoria. Em meio a tantas barbáries, para aqueles que, mesmo em cenário de guerra, não sensibilizam as castas e peles que assumiram o prosclênio da civilização, não há alternativa, apenas luta; luta que se trava sobretudo no campo teórico, ideológico, luta que se faz, se cria e recria nas artes, na literatura. Nesta, modos distintos de narrar, alheios e não afeitos aos tradicionais cânones da literatura dita universal, são recriados, estereótipos reconfigurados, protagonismos reinventados. A luta exorta artistas caribenhos, latino americanos, negros, indígenas a reescrever as páginas oficiais da nossa cultura e de todo o imaginário por trás dela (Pereira, 2018, p. 331).

Os tópicos seguintes ao invés de sistematizar conhecimentos, fornecer dados, conceitos, reposicionar referências, pontuar opiniões, relatos, definições terá como único propósito redesenhar o enredo do autor caribenho e ver, sobre platitudes indesejáveis de estórias que marcam o Atlântico Negro, a profundidade de lutas indelévels por liberdade, igualdade, reconhecimento, dignidade, sobrevivência, memória; lutas que mesmo traçadas no interior consciente ou inconsciente de tantos que desafiam recriar tais enredos e histórias perdidas, fazem nova literatura, redesenham, mesmo sobre os cânones tradicionais das linguagens europeias, personagens que, quando não apagados, borrados, eram muitas vezes embrutecidos.

2 | A COSTA PAGÃ

O preâmbulo do romance já nos informa que três histórias serão contadas, três histórias ofuscadas, vendidas, espoliadas, mas de forma alguma perdidas. Nash, Martha e Travis representam um pedaço da África obrigada a cruzar o Atlântico; são seus filhos, vozes e carnes da diáspora⁵. A primeira parte se concentra em Nash Williams e sua relação

ética liberal, a justiça liberal se restringe ao átomo, ao indivíduo, só conseguindo ultrapassá-lo dentro de uma lógica pernicioso de mercado. (SAFATLE et. al., 2021, p. 44-74)

5 Um trecho de extrema beleza que ao mesmo tempo confrange, representa muito bem o que está por trás destas vozes diaspóricas:

“Há 250 anos ouço esse coral de muitas vozes. E, ocasionalmente, entre aquele monte de vozes incansáveis, escuto as dos meus filhos. Meu Nash. Minha Martha. Meu Travis. Suas vidas partidas. Deitando raízes de esperança num solo difícil. Há 250 anos tento falar com eles: Crianças, eu sou o pai de vocês. Amo vocês. Mas entendam. Não existem caminhos definidos a se trilhar na água. Não existem sinalizações. Não há retorno. Para um país pisoteado pelas botas

com o amo branco, cristão e benevolente. Educado pelo seu senhor de escravos nos ditames rígidos da fé cristã, ganha suposta liberdade para poder “reconquistar” o continente africano, retirá-lo da barbárie pagã e lançar as luzes da civilização aos “incautos” nativos. Nash é transportado para a Libéria com este intuito missionário. Malgrado as inúmeras distinções, tal regresso ao continente de origem lembra o movimento inaugurado por Alexander Crummell, o pan-africanismo. O teórico cristão acreditava que a raça negra teria uma missão, uma tarefa dada por Deus, seu “status” moral diferenciado faria parte de um plano divino (Augustoni; Simões, 2018, p. 45). Anthony Kwame Appiah (1992, p. 12-34), ao discursar sobre as razões de tal movimento, sublinha duas ideias, ligadas ao pensamento europeu de meados do século XIX, o conceito de raça e de estágios evolucionários da espécie humana como fundamentais. A proposta do pan-africanismo se coaduna com o projeto da Sociedade de Colonização Americana presente na narrativa de Phillips:

Não que a Sociedade de Colonização Americana ignorasse os perigos que acompanhavam sua política de tentar repatriar antigos escravos para a costa oeste africana. Afinal, esse era um continente que pertencia aos africanos de origem, e a mais ninguém. Mas eles esperavam que os nativos enxergassem de maneira racional e que a perspectiva de receber de volta os filhos perdidos ajudasse a superar qualquer infeliz estranhamento cultural que os pagãos africanos pudessem experimentar (...)A Sociedade de Colonização Americana tinha certeza de que os dois lados seriam beneficiados. Os Estados Unidos estariam se livrando de causas de tensões sociais cada vez maiores e a África seria civilizada pela volta de seus descendentes, que a essa altura haviam sido agraciados com mentes cristãs racionais. (Phillips, 2011, p. 23)

As ideias pseudocientíficas que deram origem a excrescências em diversos campos, da criminologia às ciências sociais nascente, passando pela antropologia, psicologia e estudos relacionados às ciências naturais e médicas, que sustentaram a ideia de raça conduziu Nash à Libéria, sua tarefa, tal como preconizado por Crummell, era levar “razão”, o estilo de vida dos seus antigos senhores de escravos, do homem branco, europeu, ao continente africano.

Interessante notar como as inúmeras cartas enviadas de Nash para seu antigo senhor, Edward, deixem claro a ideia de unidade do continente africano, como se toda a África resguardasse um mesmo povo e as mesmas condições naturais e culturais que poderiam ser exploradas, cultivadas e transformadas aos moldes do pensamento europeu:

A intenção era que a África fosse um continente de liberdade, pois em que outro lugar um homem de cor pode ser livre? Certamente não no Haiti, nem no Canadá. Esta terra de nossos antepassados, onde brotam frutas deliciosas, continua determinada a atrair as mentes mais nobres. Se o senhor ouvir alguém

imundas dos outros. Para um povo incentivado a entrar em guerra contra si mesmo. Para um pai consumido pelo remorso. Vocês estão além disso. Partidos, como os galhos de uma árvore; mas não perdidos, pois seus corpos carregam as sementes de novas árvores. Deitando raízes de esperança num solo difícil. E eu, que rejeitei vocês, só posso me culpar por meu desespero. Há 250 anos, espero pacientemente que o vento se levante na margem mais distante do rio. Para ouvir o rufo dos tambores do outro lado das águas. Para o som do coral crescer em volume. Só então, se eu ouvir com atenção, é que posso reencontrar meus filhos perdidos. Um momento rápido e de dolorosa comunhão. Uma tolice desesperada. A colheita fracassou. Vendí meus filhos.” (Phillips, 2011, p.08)

se referir desrespeitosamente a ela, eu agradeceria se o senhor mandasse a pessoa se calar, pois um homem, seja ele um cavalheiro ou não, não haverá de prosperar em país algum se decidir não trabalhar. (Phillips, 2011, p. 55)

Esta ideia do trabalho duro ligado à prosperidade, ideia quase idílica de um pensamento liberal bastante ingênuo ou mal-intencionado, também revela as contradições deste Nash que, já aclimatado em ideologia europeia, ainda se vê assaz distante dos seus irmãos de herança e terra.

Após alguns anos convivendo neste novo país, tentando levar seus modos de vida aos nativos, é Nash que se vê modificado. O respeito e superveniência àquele que lhe “deu” educação e liberdade, o respeito e superveniência ao “pai” branco aos poucos se deteriora e algo se subverte. Ao invés de levar a palavra de Cristo aos “incautos incivilizados”, Nash leva seu espírito, seus sentidos, sua sincera medida e deferência, deixando de ser educador para ser educado; se converte à fé que tentava suplantar. Em epifania revela ao antigo “pai”:

Nós, homens de cor, já fomos oprimidos por tempo suficiente. Precisamos lutar por nossos direitos, fazer valer a nossa voz e sentir o amor da liberdade que nunca poderíamos encontrar nos Estados Unidos. Ao contrário de corromper minha alma, esta Comunidade da Libéria me proporcionou a oportunidade de abrir os olhos e retirar o véu da ignorância, que tanto me aprisionou por toda a minha vida. (Phillips, 2011, p. 72)

No fim, o “pan-africanismo” de Nash se revela menos resistente à magia do outro do que os discurso de Crummell, estaria mais próximo ao pan-africanismo do século XX, mais radical e menos afeito à ideia de superioridade racial⁶.

3 | O OESTE

A segunda parte narra a estória de Martha, e sua tragédia pessoal ao ser separada da filha. Aqui subserviência e resignação ao destino e mazela da condição de escravo também permeia o horizonte e a psique da personagem, mas de forma alguma a define. À semelhança da estória de Nash, Martha também irá encontrar algum refúgio. No caso dela, o refúgio está na costa Oeste americana, nas terras inexploradas e tão almejada por escravos que buscam redenção e liberdade. Curioso que na perspectiva branca o Oeste é o lugar sem Lei, habitado por nativos hostis; ambiente que, embora ofereça a expectativa de riqueza futura, restringe a segurança, ameaça a liberdade. Para os escravos, no entanto, toda a insegurança, o habitat da ilegalidade representa, por óbvio, o exato oposto. Não que a ausência da Lei seja sinônimo de liberdade, não se trata de hobbesianismo às avessas ou de qualquer tentativa de enxergar na vacância do Estado lugar de fruição absoluta; no entanto, para aqueles que institucionalmente são mercadoria, o imaculado desassossego do extremo ocidente americano, longe das pregas cruéis das Leis do homem branco,

⁶ Vale destacar as críticas feitas por Fanon ao pan-africanismo e a ideia de raça que o sendimentou. (Fanon, 2008)

perfaz, no mínimo, um simulacro de alteridade ou quem sabe tropos emancipatórios.

Martha foge ao Oeste não por liberdade mas para encontrar a filha. Ainda no início do relato, mãe e filha são separadas. A cena da separação é narrada pela própria Martha com certo olhar resignado, e aceitação da própria dor subjetiva. Como se naquele momento ela aceitasse o suposto olhar objetivo do outro que a vê e a faz acreditar ser mero objeto. Lembra a consciência dual do negro norte-americano descrita por Du Bois, “a experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena.” (Du Bois, 2021, p. 23)

Mas Martha, assim como Nash, também se reinterpreta. Junto com outros escravos fugidos, parte para o Oeste em busca da filha, na esperança de encontrá-la em liberdade. A travessia é difícil, envolve escapar das hordas de mercenários brancos e de grupos indígenas que não os diferenciam dos insidiosos colonizadores - para a população nativa, negros são brancos de pele escura.

Os incontáveis obstáculos fazem de Martha empecilho, alguém dispensável. Já em idade avançada se percebe atrasando o grupo e, por isso, é deixada para trás:

Eu cuidei e alimentei muitos deles nos primeiros dias tão difíceis, empurrando água e comida pela goela deles e gritando para ficarem de pé, para que pudessem se arrastar por mais uns 15 quilômetros na direção da querida Califórnia. Todos sonham em, ao chegar lá, sentir o gosto da verdadeira liberdade, de aprender algum ofício importante e de se estabelecerem como uma classe de pessoas sóbrias e respeitáveis. Esse é o sonho deles. Minha fraqueza não vai mais atrasá-los. Ouço o estalo de um chicote e o condutor dando uma ordem alta e impaciente aos bois. Enquanto nos afastamos, as lágrimas começam a correr por meu rosto cansado. (Phillips, 2011, p. 102)

Não chegou à querida Califórnia, nem aos aconchegantes braços da filha. Mas tentou chegar, buscar, tal como os outros milhões de herdeiros da diáspora, o lugar, a terra de liberdade, o local de redenção, talvez a terra prometida. Esta busca pode representar uma mudança de paradigma ou no mínimo de perspectiva. Do sujeito instrumentalizado e alforriado pela benevolência de brancos de boa “estirpe”, àquele que buscou, verdadeiramente, vida, amor e liberdade. Ultrapassasse a imagem passiva dos que apenas sobreviveram, em prol da visão que enxerga luta, revolta, resistência (Silvério, 2018, p. 315). Martha não sobreviveu, mas resistiu.

4 | CRUZANDO O RIO

Na terceira parte do romance, acompanhamos os diários do jovem comandante inglês de um navio negreiro, o mestre James Hamilton. Os escritos descrevem o tempo, o clima, as paisagens; também as funções do navio, as mercadorias adquiridas, comercializadas; além de detalhes sobre o percurso, intercorrências, doenças entre a tripulação, expectativas de lucros, prejuízos. Os escravos recrutados ao longo da costa africana são apenas carga. Para estes, a febre, a malária que ceifa a vida dos tripulantes europeus, é fator que somente

os inutiliza, deprecia o valor, no limite, estraga. São contados tal como sacas de arroz, café; medidos e avaliados por atributos físicos.

Este capítulo seria fastidioso se ao longo da narração pensássemos, como a tripulação europeia, apenas em valores monetários, em mercadorias perecíveis, compra e venda no atacado. Aliás, a linguagem de Hamilton em seus diários intenta justamente isso, e esgotaria certo tipo de leitor se tal texto, imagino, fosse lido no passado.

Cruzar o rio, no entanto, é mais do que necessário; vencer esta descrição plangente de objetividades nos faz fechar os olhos e imaginar algo distante, um plano, utopia⁷.

Talvez por isso a construção de mundos imaginários, livre das dificuldades que nos afligem, se faz necessária (Levitas, 2010, p. 17). Os mitos de origem, os destinos benfazejos e inexoráveis que desejamos encontrar, paraísos de um passado místico, repleto de glórias, ou a inefável alvorada de mergulhos que perpassam existências são alentos para resistir e sobreviver à opressora martirização da história. Muitas literaturas têm esta função, função quase utópica de reescrever subvertendo, recriando, imaginando mundos sem rios caudalosos. Outras tantas têm, ao contrário, função de recontar o que não se quis do passado; mostrar os meandros e reminiscências deste rio que, querendo ou não, teremos de atravessar. Por qualquer literatura que seja, no entanto, das prováveis às escapistas, desvelaremos - mesmo se tiver o ranço de material vetusto, apodrecido - algo novo; um vislumbre de mundos possíveis. Em outras palavras, e voltando ao navio negreiro, adentrar o Atlântico da perspectiva europeia para enumerar suas perdas mercadológicas, recontando o já supostamente esmiuçado também inaugura outras paragens.

5 | EM ALGUM LUGAR DA INGLATERRA

No último capítulo conheceremos Travis, o terceiro filho a atravessar a margem do rio. Ao contrário dos capítulos anteriores, ambientados no século XIX, nesta estória derradeira estamos em plena segunda guerra mundial, em algum lugar da Inglaterra. A narrativa centra-se no cotidiano de Joyce. Ela é branca e sobrevive aos anos de guerra ao lado do marido Len. Tem um pequeno *pub* e, inobstante o constante temor dos bombardeios, não sofre diretamente as mazelas da guerra. As violências são aquelas cotidianas, desrespeito do marido, ameaça física. Encara a guerra e seus líderes com olhar cético, conhece a retórica pública e as artimanhas espúrias dos líderes políticos:

A maioria estava com vergonha até mesmo de nos olhar nos olhos. Nossos heróis, voltando de Dunquerque. E, no entanto, em todos os jornais ainda tentam nos dizer que um inglês vale por dois alemães, quatro franceses, vinte árabes, quarenta italianos e uma quantidade infinita de índianos. Pensei: aquele gordo maldito do Churchill ainda vai transformar isso numa vitória. Essa noite ele vai voltar ao rádio, todo empolado, e o Len vai ficar abanando

⁷ Ver (Dash, 2004) sobre a literatura pós-colonial caribenha. Há relação da obra de Caryl Phillips com diversos autores da região que escreveram em período anterior tanto em francês quanto em inglês. Esta conexão entre literatura, discurso imaginário e utopia é sublinhada pelo autor.

o rabinho, como se fosse um cocker spaniel idiota. Se Churchill vier outra vez com aquele papo de que essa guerra está sendo travada em nome da liberdade e dos verdadeiros princípios da democracia, eu vou ter um troço. (Phillips, 2011, p. 218)

No meio de sensações e relatos de guerra, Travis surge. É soldado norte-americano, e também filho da diáspora. Em 1942 seu pelotão se instala na pequena província onde vive Joyce. Os dois se conhecem e se apaixonam. Travis tem planos de, findada a guerra, levar Joyce à América; mas seus planos fracassam, morre na Itália.

Joyce, grávida do soldado norte-americano, ao ser informada da morte do amante é aconselhada a abandonar a criança aos cuidados do Conselho da Cidade:

Meu filhinho de soldado. Sem pai nem mãe e sem o Tio Sam. Ele precisa ser entregue aos cuidados do Conselho da Cidade como órfão, meu amor. Se você tiver sorte, ele pode até ser adotado por uma família digna. Sabe que alguns até são? (Phillips, 2011, p. 298)

O filho cresce órfão em algum lugar da Inglaterra, é mais um filho da diáspora, outro que teve o destino traçado e reconstruído por tantas memórias de dor, sofrimento, de lutas travadas neste sortilégio Atlântico Negro. Lugar de dicotomias várias: domínio/submissão; dominador/dominado; branco/negro, mas também de suplícios, negociação, misturas, artimanhas e muita violência (Gruzinski, 2001).

Phillips termina o romance retomando a metáfora inicial que associa a diáspora negra ao abandono da colheita propositadamente incendiada:

Por 250 anos fiquei ouvindo. Às vozes nas ruas de Charleston. (O escravo que preparou esse bloco agora morre por causa de um prego enferrujado, num projeto de casas populares em Oakland.) Eu ouvi. Ao som do reggae, da rebelião e da revolução que mergulham nos morros e vales do Caribe. Eu ouvi. Aquele saxofonista que tocava na noite de inverno de Estocolmo, tão longe de casa. Por 250 anos, eu ouvi. Meu Nash. Minha Martha. Meu Travis (...) 250 anos eu ouvi. As vozes que me assombavam. Cantando: "Mercy, Mercy Me (The Ecology)". Insistindo: Cara, eu não tenho bronca nenhuma com o pessoal do Vietnã. Declarando: Irmãos e amigos. Eu sou Touissant L'Ouverture, talvez vocês me conheçam de nome. Ouvindo: Papa Doc. Baby Doc. Escutando vozes que clamavam por: Liberdade, Democracia. Cantando: Baby, baby, where did our love go? Samba. Calypso. Jazz. Pedacos da Espanha no Harlem. Numa livreria de Paris, uma voz sussurra as palavras: Ninguém Conhece o Meu Nome. Ouvi a voz que gritava: Eu tenho um sonho que, um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos de descendentes de escravos e os filhos de descendentes de donos de escravos poderão se sentar juntos à mesa da fraternidade. Ouvi o som de um carnaval africano em Trinidad. No Rio. Em Nova Orleans. Na margem mais distante do rio, um tambor continua a rufar. (Phillips, 2011, p. 307-308)

Este tamborilar de vozes que o autor caribenho tenta recuperar é parte de um movimento que busca dar ritmo diferente, dinâmico, sincopado, não afeito à lógica sincrônica das tradicionais letras europeias. É movimento espontâneo que floresce ao meio de escritores da envergadura de Walcott, Soyinka, Glissant e Chamoiseau. Estes, e também

Phillips, tentam recriar em literatura “uma realidade cultural plural, não eurocêntrica, fixa, estável, unívoca, originária do “centro” (Agustoni, Simões, 2018, p. 59). Das margens, da periferia, do atlântico Negro, os tambores literários continuam a rufar.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pensarmos nas raízes do vocábulo diáspora certamente tenderíamos a associá-lo à destruição, deterioração, divisão, dispersão; sempre algo negativo, que nos impinge sensação desagradável. Era assim que o termo foi originalmente usado pelos gregos. Epicuro fala diáspora para se referir ao processo de decomposição da matéria em partes menores, já o historiador Tucídides realocou o termo, associando-o às migrações forçadas decorrentes das guerras (Kenny, 2013). Na Bíblia o termo é usado com frequência para se referir à diáspora judaica. Neste caso há referência não só ao exílio, mas também a entranhada relação do povo com sua terra de origem. Existe uma aura de sagrado nesta dispersão, uma necessidade de regresso, estigmas e saudades várias.

A diáspora negra também produziu e produz não só conceitos e definições germinadas no polo negativo, tampouco é fenômeno relacionado exclusivamente a escravidão. Se pensarmos que mesmo o navio negreiro, a marca maior do violento e espoliante colonialismo, criou laços sociais e diversos hibridismos, poderemos reconhecer que a diáspora, em suas diversas ramificações sociais, produziu não só tragédias, mácula, e escatologia, mas um repleto amálgama de novas e singulares formas de expressão, sociabilidades, modos de vida.

Na literatura há todas estas vozes e contradições, e a *Travessia do Rio* parece escancarar esta busca utópica por novos sentidos.

REFERÊNCIAS

AGUSTONI, Prisca; SIMÕES, Bárbara. Mapas de uma Travessia: Diaspóra africana e identidade em construção: em PEREIRA, Edimilson; DAIBERT JÚNIOR, Robert (orgs.). **Depois, O Atlântico: Modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana**. Editora UFJF: Juiz de Fora. 2010.

APPIAH, Kwame Anthony. **In My Father's House: Africa in the Philosophy of Culture**. Oxford University Press: New York. 1992.

CÉSAIRE. Aimé. **Discurso Sobre o Colonialismo**. Livros & Livros. [S. L.]. 2020.

DASH. Michael J. Postcolonial Caribbean identities. In: IRELE, F. Abiola; GIKANDI, Simon. **The Cambridge History of African And Caribbean Literature**. Cambridge University Press: New York. 2004. [p. 785-796]

DU BOIS. W. E. B. **As Almas do Povo Negro**. Editora Veneta: São Paulo. 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Editora da Universidade Federal da Bahia: Salvador. 2008.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Verso: London. 1993.

GROSFOGUEL, Ramón; BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Introdução. Editora Autêntica: Belo Horizonte. 2018.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

KENNY, Kevin. **Diaspora: A Very Short Introduction**. Oxford University Press: New York. 2013.

LEVITAS, Ruth. **The Concept of Utopia**. Peter Lang: New York. 2010.

PEREIRA, Edmilson. Territórios Cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra. em PEREIRA, Edmilson; DAIBERT JÚNIOR, Robert (orgs.). **Depois, O Atlântico: Modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana**. Editora UFJF: Juiz de Fora. 2010.

PHILLIPS, Caryl. **A Travessia do Rio**. Record: São Paulo. 2011

SAFATLE, Vladimir. A Economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral em: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (orgs). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica: Belo Horizonte. 2021

SILVÉRIO, Valter Roberto. Quem negro foi e quem negro é? Anotações para uma Sociologia Política transnacional negra. Em: GROSFOGUEL, Ramón; BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Pag 302-317. Editora Autêntica: Belo Horizonte. 2018.